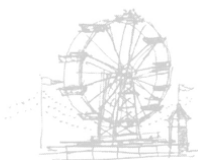


Pelo mesmo autor de
A ÚLTIMA GRANDE LIÇÃO



MITCH ALBOM

— *As* —
cinco pessoas
que você
encontra
no céu



Publicado originalmente com o título: *The Five People You Meet in Heaven*

Copyright © 2003 por Mitch Albom

Copyright da tradução © 2004 por Editora Arqueiro Ltda.

tradução

Pedro Jorgensen Junior

preparo de originais

Regina da Veiga Pereira e Alice Dias

revisão

Antonio dos Prazeres e Sérgio Bellinello Soares

capa

Victor Burton

projeto gráfico e diagramação

Valéria Facchini de Mendonça

impressão e acabamento

Bartira Gráfica e Editora S/A

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A295c

Albom, Mitch, 1958-

As cinco pessoas que você encontra no céu

/ Mitch Albom; tradução de Pedro Jorgensen Junior.

- São Paulo: Arqueiro, 2004.

Tradução de: The five people you meet in heaven

ISBN 85-7542-142-5

1. Vida eterna - Ficção. 2. Céu - Ficção. 3. Ficção americana.

I. Jorgensen Junior, Pedro. II. Título.

04-2170.

CDD 813

CDU 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 - conjuntos 52 e 54 - Vila Olímpia

04551-060 - São Paulo - SP

Tel.: (11) 3868-4492 - Fax: (11) 3862-5818

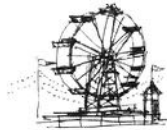
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Este livro é dedicado ao meu querido tio Edward Beitchman, que me transmitiu a primeira idéia do céu. Todo ano, à mesa do Dia de Ação de Graças, ele falava da noite em que acordou no hospital e viu as almas dos seus entes queridos já falecidos sentadas na beira da cama, esperando por ele. Eu nunca esqueci esta história. E nunca o esqueci.

Todo mundo, assim como a maioria das religiões, tem uma idéia do que é o céu, e todas merecem respeito. A versão aqui apresentada é apenas uma hipótese, um desejo, de certa forma, de que meu tio e outros como ele – pessoas que se consideravam insignificantes na Terra – percebam, finalmente, o quanto foram importantes e queridas.

Fim



ESTA É A HISTÓRIA de um homem chamado Eddie. Ela começa pelo fim, com Eddie morrendo sob o sol. Pode parecer estranho uma história começar pelo fim. Mas todos os fins são também começos. Embora, quando acontecem, não saibamos disso.

≈ A HORA FINAL da vida de Eddie foi passada, como a maioria das outras, no Ruby Pier, um parque de diversões situado às margens de um grande oceano cinzento. O parque tinha as atrações de costume: deque à beira-mar, montanha-russa, carrinhos de bate-bate, quiosque de bala puxa-puxa e um fliperama onde se podia jogar água na boca do palhaço. Tinha também um brinquedo novo e grande chamado Cabum do Freddy, e era por causa dele que Eddie ia morrer, num acidente que seria notícia em todo o estado.

≈ NA ÉPOCA em que morreu, Eddie era um velho atarracado de cabelos brancos, pescoço curto, peito estufado, braços vigorosos e uma tatuagem do exército desbotada no ombro direito. Suas pernas agora eram finas e cheias de veias, e seu joelho esquerdo, ferido na guerra, estava destruído pela artrite. Usava uma bengala para caminhar. Tinha uma cara larga, queimada de sol, suíças de marinheiro e uma queixada ligeiramente proeminente que lhe dava um aspecto mais orgulhoso do que ele próprio se sentia. Levava sempre um cigarro atrás da orelha direita e uma corrente com um molho de chaves enganchada no cinto. Usava sapatos de sola de borracha. E um velho boné de pano. Seu uniforme marrom-claro sugeria que era um trabalhador, e trabalhador ele era.

≈ O TRABALHO DE EDDIE consistia em fazer a manutenção dos brinquedos do parque, o que na verdade significava mantê-los seguros. Toda tarde ele percorria o parque verificando cada uma das atrações, da Rumba ao Toboágua. Procurava tábuas quebradas, travas frouxas, ferragens desgastadas. Às vezes parava, com os olhos vidrados, e as pessoas que passavam tinham a impressão de que havia algo errado. Mas ele só estava ouvindo. Depois de todos aqueles anos, era capaz de ouvir um problema, ele dizia, nas cuspidas, gagueiras e zumbidos dos equipamentos.

≈ COM CINQUENTA MINUTOS ainda por viver na terra, Eddie começou sua última caminhada pelo Ruby Pier. Passou por um casal de velhos.

– Olá, pessoal – murmurou, tocando no boné.

Educadamente, eles responderam com um movimento de cabeça. Os fregueses conheciam Eddie. Pelo menos os fre-

qüentadores. Verão após verão, eles o viam ali, era uma dessas caras que a gente associa a um lugar. Seu uniforme de trabalho levava um distintivo no peito na qual se lia EDDIE logo acima da palavra MANUTENÇÃO, razão pela qual as pessoas às vezes diziam: “Lá vai o Eddie Manutenção”, embora ele não achasse a menor graça nisso.

Hoje, por acaso, era aniversário de Eddie. Oitenta e três anos. Na semana anterior, o médico lhe dissera que ele sofria de herpes-zóster. Herpes-zóster? Eddie não fazia idéia do que fosse isso. Antes ele era tão forte que conseguia levantar um cavalo do carrossel em cada braço. Muito tempo atrás.

∞ – EDDIE!... ME LEVA, Eddie!... Me leva!

Quarenta minutos para a sua morte. Eddie caminhou até a frente da fila da montanha-russa. Ele andava em todos os brinquedos pelo menos uma vez por semana para ter certeza de que os freios e comandos funcionavam perfeitamente. Hoje era o dia da montanha-russa – Montanha Fantasma era como esta se chamava –, e os garotos que conheciam Eddie berravam pedindo para ir no carro com ele.

As crianças gostavam de Eddie. Os adolescentes, não. Os adolescentes lhe davam dor de cabeça. Depois de tantos anos, Eddie imaginava já ter visto todo tipo de adolescente vadio e desaforado que existia no mundo. Mas as crianças eram diferentes. As crianças olhavam para Eddie – que com sua mandíbula proeminente parecia estar sempre sorrindo, como um golfinho – e confiavam nele. Sentiam-se atraídas por ele, como mãos frias pelo fogo. Abraçavam suas pernas. Brincavam com suas chaves. Eddie só grunhia, sem dizer quase nada. Imaginava que era porque não falava muito que as crianças gostavam dele.

Eddie bateu nos ombros de dois garotinhos com bonés de beisebol virados para trás. Eles correram até o carrinho e se atiraram dentro dele. Eddie entregou sua bengala ao operador do brinquedo e se acomodou vagarosamente entre os dois.

– Lá vamos nós... Lá vamos nós!... – guinchou um dos garotos, enquanto o outro colocava o braço de Eddie em torno do seu ombro. Eddie baixou a barra de segurança e clec-clec-clec, lá se foram eles.

∞ HAVIA UMA HISTÓRIA a respeito de Eddie. Quando menino, nesse mesmo píer, ele se envolvera numa briga de rua. Cinco garotos da avenida Pitkin tinham encurralado seu irmão, Joe, e se preparavam para lhe dar uma surra. Eddie estava a uma quadra de distância, sentado na escada que dava entrada a uma casa, comendo um sanduíche, quando ouviu o irmão gritar. Correu até o beco, apanhou a tampa de uma lata de lixo e mandou dois garotos para o hospital.

∞ – A GENTE PODE IR outra vez, Eddie? Por favor!

Trinta e quatro minutos de vida. Eddie levantou a barra de segurança, deu a cada um dos garotos uma bala, pegou de volta a sua bengala e saiu coxeando em direção à oficina de manutenção para se refrescar do calor do verão. Se soubesse que sua morte era iminente, talvez tivesse ido a outro lugar. Em vez disso, fez o que todos nós fazemos. Seguiu sua rotina monótona como se tivesse todos os dias do mundo à sua disposição.

Um dos trabalhadores da oficina, um rapaz desengonçado de rosto ossudo chamado Dominguez, estava na pia de solventes, removendo a graxa de uma roda.

– Olá, Eddie – disse ele.

– Dom – respondeu Eddie.

A oficina cheirava a serragem. Era escura e apertada, com teto baixo e paredes cobertas por chapas perfuradas onde ficavam penduradas as brocas, serras e martelos. Havia peças e partes de brinquedos espalhadas por toda parte: compressores, motores, cintos, lâmpadas, o alto da cabeça de um pirata. Junto a uma parede havia uma pilha de latas de café cheias de pregos e parafusos, e junto a outra, uma infinidade de potes de graxa.

Para lubrificar um trilho, dizia Eddie, não era preciso ter mais cérebro do que para lavar a louça; a diferença era que, em vez de limpar, deixava mais sujo. Era este o tipo de serviço que Eddie fazia: colocar graxa, ajustar freios, afivelar cintos, verificar painéis eletrônicos. Muitas vezes ele teve vontade de sair daquele lugar, encontrar outro trabalho, construir um outro tipo de vida. Mas aí veio a guerra. Seus planos deram em nada. Quando caiu em si, já estava grisalho, usando calças largas, e, por causa do cansaço, compelido a aceitar quem ele era e sempre seria, um homem com areia nos sapatos, num mundo de risadas mecânicas e salsichas grelhadas. Tal como seu pai, tal como a insígnia na sua camisa, Eddie era a manutenção – o chefe da manutenção – ou, como os garotos às vezes o chamavam, “o homem dos brinquedos do Ruby Pier”.

∞ TRINTA MINUTOS DE VIDA.

– Ei, feliz aniversário, eu já soube – disse Dominguez.

Eddie grunhiu.

– Vai ter festa, alguma coisa?

Eddie o olhou como se ele estivesse maluco. Por um momento pensou como era estranho estar envelhecendo num lugar que cheirava a algodão-doce.

– Eddie, não esqueça que eu vou estar fora na semana que vem, a partir de segunda-feira. Vou ao México.

Eddie assentiu movendo a cabeça, e Dominguez fez uns passos de dança.

– Eu e Thereza. Vamos ver a família inteira. Vai ser um festão.

Parou de dançar ao perceber que Eddie olhava para ele.

– Você já esteve lá? – perguntou Dominguez.

– Lá onde?

– No México.

Eddie suspirou.

– Eu nunca estive em nenhum lugar onde não tenha sido desembarcado com um fuzil na mão, rapaz.

Observou Dominguez voltar à pia. Pensou um momento. Aí, pegou no bolso uma pequena carteira, tirou duas notas de vinte, as únicas que tinha, e lhe ofereceu.

– Compre alguma coisa bem bonita para a sua mulher – disse Eddie.

Dominguez olhou o dinheiro e abriu um grande sorriso:

– O que é isso, cara. Tem certeza?

Eddie pôs o dinheiro na mão de Dominguez. Depois saiu caminhando para a área de despejo. Um pequeno “buraco de pescar” fora feito nas pranchas do passeio anos antes. Eddie levantou a tampa de plástico e puxou uma linha de náilon que descia 25 metros até atingir o mar. Ainda tinha presa nela um pedaço de salsicha.

– Pegamos alguma coisa? – berrou Dominguez. – Diz pra mim que nós pegamos alguma coisa!

Eddie se perguntou como aquele sujeito podia ser tão otimista. Nunca havia nada naquela linha.

– Um dia – berrou Dominguez – a gente vai pegar um linguado gigante!

– Vai, sim – resmungou Eddie, sabendo que era impossível puxar um peixe daquele tamanho por um buraco tão pequeno.

∞ VINTE E SEIS MINUTOS de vida. Eddie atravessou o deque até a extremidade sul. O movimento estava fraco. A garota atrás do balcão de puxa-puxa estava apoiada nos cotovelos, fazendo bolas com seu chiclete.

No passado, o Ruby Pier era o lugar para se ir no verão. Tinha elefantes, queima de fogos e maratonas de dança. Mas as pessoas não vinham mais aos píeres oceânicos; iam aos parques temáticos de 75 dólares, onde podiam tirar fotos fantasiadas de personagens de desenhos animados.

Eddie passou coxeando pelo carrinho de bate-bate e fixou os olhos num grupo de adolescentes encostados na grade de proteção. “Que ótimo”, disse a si mesmo. “Era tudo o que eu precisava.”

– Saiam daí – disse Eddie, batendo na grade com a bengala.
– Vão embora. Este lugar não é seguro.

Os adolescentes o olharam desafiantes. Os mastros dos carros chiavam ao contato com a corrente elétrica, zzzzap zzzzap.

– Não é seguro – repetiu Eddie.

Os adolescentes se entreolharam. Um garoto com uma mecha de cabelo alaranjado lhe dirigiu um sorrisinho desdenhoso e subiu na barra do meio da grade.

– Como é, caras, acertem em mim! – ele berrava, acenando para os jovens motoristas. – Me acert...

Eddie deu uma bengalada tão forte na grade que quase a partiu em dois.

– SAIAM DAÍ!

Os adolescentes saíram correndo.

∞ CONTAVA-SE UMA OUTRA HISTÓRIA sobre Eddie. Quando soldado, ele entrara em combate diversas vezes. Tinha lutado com bravura. Ganhara até uma medalha. Mas no

fim do seu tempo de serviço teve uma briga com um de seus companheiros. Desse jeito Eddie foi ferido. Ninguém sabia o que tinha acontecido com o outro sujeito.

Ninguém perguntava.

≈ COM DEZENOVE MINUTOS DE VIDA restantes, Eddie sentou-se pela última vez numa velha cadeira de praia de alumínio. Seus braços curtos e musculosos estavam dobrados sobre o peito como nadadeiras de foca. Tinha as pernas vermelhas de sol e o joelho esquerdo marcado por cicatrizes. Na verdade, muita coisa no corpo de Eddie sugeria que se tratava de um sobrevivente. Seus dedos se dobravam em ângulos estranhos, graças a numerosas fraturas causadas por máquinas diversas. Tivera o nariz quebrado várias vezes no que chamava de “brigas de salão”. Seu rosto, com aquela queixada larga, talvez tivesse sido bonito um dia, quem sabe como o de um pugilista profissional antes da luta.

Agora Eddie parecia apenas cansado. Este era o lugar onde costumava ficar no deque do Ruby Pier, atrás do Ligeirinho, que na década de 1980 era o Mexicano, que nos anos 1970 era o Pirulito, que nos anos 1950 era o Trem Fantasma e que antes disso era a Concha Acústica Chão de Estrelas.

Foi onde Eddie conheceu Marguerite.

≈ TODA VIDA TEM seu instantâneo de verdadeiro amor. O de Eddie aconteceu numa noite quente de setembro, depois de um temporal, em que o deque estava encharcado de água da chuva. Ela usava um vestido de algodão amarelo e um prendedor de cabelo cor-de-rosa. Eddie não disse muita coisa. Estava tão nervoso que sua língua parecia colada nos dentes. Dançaram ao som de uma grande orquestra, a Long Legs Delaney and His

Everglades. Ele a convidou para tomar uma soda limonada. Ela disse que tinha de ir embora porque, se não fosse, seus pais iam ficar zangados. Mas, enquanto se afastava, virou-se e acenou.

Foi este o instantâneo. Pelo resto da vida, sempre que Eddie pensava em Marguerite, via esse momento, ela acenando por cima do ombro, com o cabelo escuro caindo sobre um dos olhos. E sentia o mesmo transbordamento de amor.

Naquela noite, ele voltou para casa e acordou seu irmão mais velho para lhe dizer que tinha conhecido a mulher com quem ia se casar.

– Vai dormir, Eddie – gemeu o irmão.

Rrrrrruassh. Uma onda quebrou na praia. Eddie tossiu alguma coisa que não quis ver. Cuspiu fora.

Rrrrrruassh. Ele pensava um bocado em Marguerite. Agora nem tanto. Ela era como uma ferida debaixo de um curativo velho, e ele já se acostumara com o curativo.

Rrrrrruassh.

O que era herpes-zóster?

Rrrrrruassh.

Dezesseis minutos de vida.

∞ NENHUMA HISTÓRIA existe isoladamente. As histórias às vezes se justapõem como azulejos numa parede, às vezes se superpõem umas às outras como pedras no leito de um rio.

O final da história de Eddie foi determinado por uma outra história aparentemente inocente quando, meses antes, numa noite nublada, um rapaz chegou ao Ruby Pier com três amigos.

O rapaz, que se chamava Nicky, acabara de aprender a dirigir. Como não gostava de carregar o chaveiro, tirou a chave do carro, colocou-a no bolso da jaqueta e amarrou a jaqueta em volta da cintura.

Durante as poucas horas seguintes, Nicky e seus amigos andaram em todos os brinquedos radicais: o Falcão Voador, a Corredeira, o Cabum e a Montanha-Russa.

– Mãos para cima! – gritava um deles.

E todos levantavam as mãos.

Já estava escuro quando retornaram ao estacionamento, exaustos e alegres, bebendo cerveja em copos de papel. Nicky pôs a mão no bolso da jaqueta. Vasculhou-o. E praguejou.

A chave não estava lá.

☞ CATORZE MINUTOS de vida. Eddie passou um lenço na testa e ficou observando o alegre movimento dos raios de sol dançando na superfície da água, no meio no oceano. Desde a guerra, ele nunca mais conseguiu andar equilibrado sobre os próprios pés.

Mas na época em que ficou na Concha Acústica Chão de Estrelas com Marguerite, Eddie ainda se movia com elegância. Fechou os olhos e se permitiu recordar a canção que os unira, aquela que Judy Garland cantava naquele filme. Ela agora se mistura em sua cabeça com a cacofonia das ondas se quebrando e das crianças gritando nos brinquedos.

“Você me fez amar você...”

Uoshhhh.

“...assim, eu não queria que fosse assim...”

Spleshh.

“...amar você...”

Aaaiiiii!

“...você sabia o tempo todo, e todos os...”

Chiuishh.

“...você sabia...”

Eddie sentiu as mãos dela nos seus ombros. Fechou os olhos bem apertado para trazer a lembrança mais para perto.

∞ DOZE MINUTOS de vida.

– Dá licença?

Uma garotinha, de uns oito anos talvez, parou na frente dele, tapando o sol. Tinha cabelos louros cacheados, calçava sandálias havaianas e vestia shorts jeans curtinhos e uma camiseta verde-limão com um pato de gibi estampado na frente. Amy era o nome dela, se Eddie não estava enganado. Amy ou Annie. Ela viera muitas vezes nesse verão, embora Eddie nunca tivesse visto seu pai ou sua mãe.

– Dá liceeeença – ela repetiu. – Senhor Eddie da Manutenção?

– Eu mesmo – disse Eddie, suspirando.

– Eddie?

– Hum?

– O senhor pode fazer pra mim...

Ela juntou as mãos como se rezasse.

– Anda, menina. Eu não tenho o dia inteiro.

– O senhor faz um bichinho pra mim? Faz?

Eddie olhou para o alto, como se tivesse de pensar na resposta. Então, tirou do bolso da camisa três limpadores de cachimbo amarelos, que levava consigo justamente para essas ocasiões.

– Iiiisso! – disse a garotinha, batendo palmas.

Eddie começou a torcer os limpadores.

– Onde estão os seus pais?

– Andando nos brinquedos.

– Sem você?

A garota deu de ombros.

– Minha mãe está com o namorado dela.

– Ah – disse Eddie, olhando para cima.

Fez vários lacinhos com os limpadores de cachimbo, depois torceu os lacinhos uns em volta dos outros. Suas mãos agora tremiam, de modo que levou mais tempo do que costumava levar, mas logo os limpadores de cachimbo se transformaram em uma cabeça, duas orelhas, corpo e rabo.

– É um coelho? – perguntou a garotinha.

Eddie deu uma piscadela.

– Muuuito obrigada!

Ela se virou e foi embora, perdida em seus pensamentos. Eddie passou a mão na testa outra vez, fechou os olhos, afundou na cadeira de praia e tentou trazer de volta à lembrança a antiga canção.

Uma gaivota grasnou no céu.

∞ COMO É QUE AS PESSOAS escolhem suas últimas palavras? Será que elas se dão conta da sua gravidade? Serão necessariamente palavras sábias?

Em seu 83º aniversário, Eddie já perdera quase todas as pessoas de que gostava. Algumas morreram cedo, outras tiveram chance de envelhecer até serem levadas por uma doença ou um acidente. Em seus enterros, Eddie sempre ouvia os presentes lembrarem o último diálogo do morto. “É como se ele soubesse que ia morrer...”, alguém dizia.

Eddie nunca acreditou nisso. Até onde sabia, quando a hora de alguém chega, ela chega e está acabado. Você podia dizer alguma coisa inteligente na hora de ir, mas podia muito bem dizer uma bobagem também.

Registre-se, então, que as últimas palavras de Eddie foram: “Para trás!”

≈ SÃO ESTES OS SONS dos últimos minutos de Eddie na Terra. Ondas se quebrando. A batida distante de uma canção de rock. O zumbido do motor de um pequeno biplano arrasando um anúncio pela cauda. E isto:

“AI, MEU DEUS! OLHA LÁ!”

Eddie sentiu seus olhos girarem rapidamente embaixo das pálpebras. Com os anos, ele passara a conhecer todos os ruídos do Ruby Pier. Era capaz de dormir ouvindo-os, como se fosse um acalanto.

Mas esta voz não era um acalanto.

“AI, MEU DEUS! OLHA LÁ!”

Eddie levantou-se de um salto. Uma mulher de braços gordos e cheios de dobras segurava uma bolsa de compras e apontava para o alto, aos gritos. Uma pequena multidão se reuniu em volta dela, com os olhos voltados para o céu.

Eddie os viu imediatamente. No alto do Cabum do Freddy, a “queda livre da torre”, que era a nova atração do parque, um dos carros se inclinara como se fosse despejar a sua carga. Quatro passageiros, dois homens e duas mulheres, presos apenas por uma barra de segurança, tentavam freneticamente se agarrar a qualquer coisa que estivesse à mão.

– AI, MEU DEUS! – gritava a mulher gorda. – OLHA LÁ AQUELAS PESSOAS! ELAS VÃO CAIR!

Uma voz guinchou no rádio preso à cintura de Eddie.

– Eddie! Eddie!

Ele apertou o botão.

– Estou vendo! Chame a segurança!

As pessoas que estavam na praia vieram correndo, apontando para o alto como se tivessem treinados para aquela situação. “Olha! Lá em cima! Elas vão cair!” Eddie pegou sua bengala e saiu coxeando até o gradil de segurança que cercava a plataforma

ma, com o molho de chaves chacoalhando no quadril. Seu coração batia acelerado.

O Cabum do Freddy soltava dois carros de cada vez, uma queda de revirar o estômago, detida no último instante por um freio hidráulico. Como é que um dos carros tinha se soltado daquele jeito? Estava pendurado uns poucos centímetros abaixo da plataforma superior, como se tivesse começado a descida e mudado de idéia.

Eddie chegou ao portão e respirou fundo. Dominguez veio correndo e quase lhe deu um encontrão.

– Me escute – disse Eddie, agarrando Dominguez pelos ombros. Agarrou com tanta força que Dominguez fez uma cara de dor. – Me escute! Quem está lá em cima?

– Willie.

– Tudo bem. Ele deve ter acionado a parada de emergência. É por isso que o carro está pendurado. Ponha a escada e diga a Willie para soltar manualmente a trava da barra de segurança para as pessoas poderem sair. Está certo? Fica na parte de trás do carro, de modo que você vai ter que segurá-lo para ele poder alcançá-la. Entendeu? Aí... aí, vocês dois – os dois, não um só, entendeu bem? –, vocês dois tiram as pessoas de lá. Um segura o outro. Entendeu?... Entendeu?

Dominguez assentiu fazendo um gesto rápido com a cabeça.

– Depois manda esse maldito carro cá pra baixo pra gente descobrir o que foi que aconteceu!

A cabeça de Eddie latejava.

Embora nunca tivesse acontecido nenhum grande acidente no seu parque, ele conhecia as histórias de horror do ramo. Uma vez, em Brighton, a trava da gôndola se soltara e duas pessoas morreram na queda. Uma outra vez, no Wonderland

Park, um homem tentara atravessar os trilhos da montanha-russa; não conseguiu e ficou pendurado pelas axilas. Ele gritava, sem conseguir sair, quando os carros vieram a toda velocidade na sua direção e... bem, aconteceu o pior.

Eddie tratou de tirar aquilo da cabeça. Havia muita gente ao seu redor agora, com as mãos na boca, vendo Dominguez subir a escada. Eddie ficou pensando nas entranhas do Cabum do Freddy. Motor. Cilindros. Sistema hidráulico. Vedações. Cabos... Como é que um carro se solta? Visualizou todo o percurso das quatro pessoas aterrorizadas lá em cima, descendo pela torre até a base. Motor. Cilindros. Sistema hidráulico. Vedações. Cabos...

Dominguez chegou à plataforma superior. Fez o que Eddie lhe ordenara: ficou segurando Willie enquanto este se debruçava para soltar a trava na traseira do carro. Uma das mulheres se atirou em cima de Willie e quase o puxou para fora da plataforma. A multidão arquejou.

– Espera aí... – Eddie disse a si mesmo.

Willie tentou novamente. Desta vez conseguiu soltar a trava.

– O cabo... – Eddie murmurou.

A barra se ergueu e a multidão fez “Ahhhhh”. As quatro pessoas foram então rapidamente puxadas para a plataforma.

– O cabo está esgarçado...

Eddie estava certo. Dentro da base do Cabum do Freddy, sem que ninguém visse, o cabo que suspendera o segundo carro ficara durante os últimos meses roçando numa polia emperrada. Por estar emperrada, a polia esgarçara pouco a pouco os fios do cabo de aço – como se descascasse uma espiga de milho – até eles quase se romperem. Ninguém percebera. Como poderiam perceber? Só se arrastando por dentro do mecanismo alguém poderia ter visto a improvável causa do problema.

A polia tinha sido emperrada por um pequeno objeto que caíra pela abertura num instante preciso.

A chave de um carro.

∞ – NÃO SOLTE O CARRO – gritou Eddie, agitando os braços. – EI! EEEIII! É O CABO! NÃO SOLTE O CARRO! O CABO VAI ARREBENTAR!

Sua voz foi abafada pela multidão que aplaudia delirantemente, enquanto Dominguez e Willie resgatavam a última pessoa. A salvo, os quatro se abraçaram no alto da plataforma.

– DOM! WILLIE! – gritava Eddie. Alguém esbarrou na sua cintura, jogando o walkie-talkie no chão. Eddie se abaixou para pegá-lo. Willie foi até os controles e colocou o dedo no botão verde. Eddie olhou para cima.

– NÃO, NÃO, NÃO, NÃO FAÇA ISSO!

Alguma coisa na voz de Eddie deve ter chamado a atenção das pessoas; elas pararam de aplaudir e começaram a se espalhar. Abriu-se uma clareira em volta da base do Cabum do Freddy.

E Eddie viu o último rosto de sua vida.

Ela estava encolhida na base metálica do brinquedo, como se alguém a tivesse atirado ali, com o nariz escorrendo e lágrimas nos olhos. A garotinha com o bichinho de limpador de cachimbo. Amy? Annie?

– Minha... Mãe... Mamãe... – ela arfava quase ritmicamente, o corpo paralisado como o de toda criança que chora.

– Ma... Mãe... Ma... Mãe...

Os olhos de Eddie passaram da menina para os carros. Será que dava tempo? Da menina para os carros...

Uoump. Tarde demais. Os carros estavam caindo.

– Meu Deus, ele soltou o freio! – e para Eddie tudo entrou

em câmera lenta. Deixou cair a bengala e deu um impulso com a perna defeituosa, sentindo um espasmo de dor que quase o derrubou no chão. Um grande passo. Um outro passo. Dentro da torre do Cabum do Freddy, o último fio do cabo de aço arrebentou e rasgou a tubulação hidráulica. O segundo carro estava agora em queda livre, sem nada que pudesse detê-lo, como um pedregulho que se solta de um penhasco.

Nesses momentos finais, Eddie teve a impressão de estar ouvindo os sons do mundo inteiro: gritos distantes, ondas, música, uma rajada de vento, um som baixo, forte e cavernoso que percebeu ser sua própria voz roncando no peito.

– Para trás!

A garotinha levantou os braços. Eddie se atirou. Sua perna defeituosa vergou. Ele saiu meio voando, meio tropeçando na direção dela, e aterrissou na plataforma de metal que rasgou sua camisa e dilacerou sua pele bem abaixo do aplique onde se lia EDDIE MANUTENÇÃO. Sentiu duas mãos na sua, duas mãozinhas pequenas.

Um impacto ensurdecedor.

Um raio de luz cegante.

Depois, nada.